

**TREINAMENTO PARA ACEITAÇÃO DE UM NOVO IRMÃO:
ESTUDO DE CASO
EUZA MARIA DE REZENDE BONAMIGO**

Profa. Adjunto, Dep. de Est. Bás., Fac.
de Educ., UFRGS

Profa. Cursos de Pós-Grad. em Educ.,
UFRGS

Doutor em Educação

Resumo

Programa desenvolvido com criança de um ano, antes do nascimento do irmão, com vistas à sua preparação para aceitá-lo. Utilizou-se uma boneca a qual recebia toda a atenção da mãe, que a tratava diante do filho como se fosse um nenê. Estes cuidados foram dispensados em algumas sessões de treinamento, com o objetivo de ir, aos poucos, levando o filho a aceitar a divisão do afeto materno, e, posteriormente, a presença de um irmão no lar. Foram realizadas sete sessões de treinamento, no período de aproximadamente um mês. São feitos comentários à reação da criança ao treinamento e ao nascimento do irmão, concluindo-se pela eficiência da técnica utilizada.

1 INTRODUÇÃO

Considerando que é de suma importância respeitar a criança, é muito desejável que os pais consigam criar um ambiente favorável a seu desenvolvimento, tanto nos aspectos físico e social, como no psicológico, notadamente no emocional. Para isso, a família deve preocupar-se, entre outras coisas, com o relacionamento entre pais e filhos, entre irmãos, e entre filhos e companheiros, uma vez que disso parece decorrer o êxito de outros aspectos.

Em outras palavras, o desenvolvimento infantil é tão integrado que, quando a área emocional não está bem, pode haver um certo comprometimento orgânico, intelectual e social por parte da criança.

Assim, a chegada de um novo irmão tem-se constituído num problema para muitas crianças, principalmente para aquelas que, sendo primogênicas, permaneceram algum tempo sendo alvo de grandes atenções por parte dos pais e adultos de modo geral.

Quando nasce o novo irmão, as crianças se comportam de modos os mais diversos. Umas o aceitam naturalmente, outras reagem, agredindo diretamente o recém-nascido, ou voltam suas agressões para os pais ou para as coisas que as ro-

Estudo de caso realizado pela autora com seu próprio filho.

deiam, enquanto que outras, ainda, se auto-agridem.

O fato preocupa a muitas mães, as quais, por sua vez, ficam à espera de uma solução para o problema, não desejando que a chegada de mais um filho venha a prejudicar o desenvolvimento do outro.

Observações assistemáticas mostram que a situação tem sido enfrentada de muitas maneiras, indo desde um comportamento de negligência por parte dos pais (ou da mãe), passando por técnicas de conversação com os filhos através da qual se esclarece que outro nenê vai nascer e que merece atenção e carinho de todos, chegando mesmo ao clima de alta ansiedade por parte de certas mães que não sabem o que fazer.

Tendo em vista que as crianças tendem para o egocentrismo, é fácil perceber que elas devem receber algum atendimento, a fim de se comportarem adequadamente em situações nas quais deixam de ser o alvo das atenções e devem dividir coisas, principalmente se o que tem que ser dividido envolve o aspecto emocional, a amizade, o amor.

As várias teorias que explicam o desenvolvimento infantil, apresentam pontos divergentes entre si, porém parece que implícita ou explicitamente todas elas admitem a importância de se preparar a criança, de uma ou de outra forma, para aceitar outras pessoas, no caso, um novo irmão.

Podem diferir quanto ao modo de fazê-lo, mas aceitam o fato de que deve haver algum treinamento.

O problema, então, é escolher a melhor forma de proceder diante desta situação.

O suporte para o presente trabalho encontra-se, em parte, na teoria de Adler (apud Hall & Lindzey, 1971), segundo a qual a ordem de nascimento influencia sobre a personalidade. Geralmente, o primeiro filho tende a apresentar características diferentes dos demais. O mais velho, quando é "destronado" e tem que aceitar a divisão do afeto dos pais, pode apresentar reações diversas, como odiar os outros, preocupar-se em se proteger e sentir-se inseguro.

Quando os pais se preocupam em preparar a chegada do "rival" há mais possibilidade de o filho mais velho tornar-se uma pessoa responsável.

Não era objetivo deste trabalho eliminar a agressividade infantil, mas dirigi-la, controlá-la. Por outro lado, quando se diz que se deveriam favorecer as condições de vida da criança, não se estaria pensando em poupar-lhe toda a série de ansiedades, conflitos e frustrações. A intenção era simplificar a situação de perda do "trono" e divisão do afeto materno, tornando-a mais natural para a criança.

O presente estudo de caso baseia-se no uso de técnicas behavioristas (Skinner, 1967) e teve como objetivo preparar uma criança para aceitar, da melhor maneira possível, o nascimento de outro irmão.

2 HISTÓRIA

Na ocasião do estudo, LC, que é do sexo masculino, tinha um ano e três meses, era uma criança saudável do ponto de vista físico e emocional, era alegre, sociável, com bons hábitos alimentares e de sono.

LC era o primeiro filho do casal, foi sempre muito desejado pelos pais e recebeu, desde o nascimento, todo o carinho e atenção possíveis.

Além do amor dos pais, recebia os cuidados de uma babá (com 29 anos de idade) que o tratava muito bem.

LC andou com 10 meses, tinha grande vivacidade e teve lalação bem pronunciada desde remota idade. Entendia quase tudo o que lhe era falado ou solicitado, mas seu vocabulário, naquela idade, era bastante escasso, reduzindo-se a “papa, mama, tiau, oba, não, tata” além de uma série de sons pouco identificáveis.

Considerando a dificuldade que a idade apresentava para uma comunicação verbal mais profunda a qual permitisse explicar a chegada próxima de um irmão, a mãe resolveu, aproximadamente dois meses antes do nascimento do segundo filho, preparar LC para aceitar o irmão, usando para isto uma técnica especial.

3 TREINAMENTO

Para o treinamento, usou-se uma boneca de plástico, de 60 cm de comprimento, de olhos azuis, lábios vermelhos, com sombrancelhas, contorno dos dedos, unhas e cabelos bem delineados e que chorava.

Uma vez que a mãe de LC trabalhava fora o dia inteiro, ficou estabelecido que o treinamento só se realizaria nas ocasiões em que ela pudesse permanecer um certo tempo com o filho, de tal forma que, antes e depois de cada sessão, fosse possível brincar com a criança e falar com ela sobre outras coisas, excluindo as relativas à chegada do novo irmão.

Além deste requisito, considerado o principal, foi estabelecido que as sessões deveriam ser realizadas na ausência de outras pessoas.

O treinamento foi feito em pequenas etapas, compreendendo ao todo sete sessões, com duração variável, descritas a seguir.

1ª sessão

No 1º dia (dia 13/9 às 20 horas), a mãe pegou a boneca (B) e se aproximou com ela do garoto (LC). A reação deste foi de curiosidade, num primeiro momento. A seguir, a mãe sentou-se na sua cama, ao lado pôs LC e começou a vestir B. Inicialmente, LC tentou retirar as roupas de B. A mãe pediu que ele a ajudasse e deu-lhe uma lata de talco. Ele começou a pôr talco no rosto de B, principalmente nos olhos. Logo depois, passou a bater no rosto dela com a lata de talco. Depois disto, tentou afastar B de sua mãe e despi-la.

A mãe, em todos os momentos, procurava dar bastante atenção a LC e, com uma das mãos, acariciá-lo, enquanto com a outra atendia B. Depois que esta estava vestida, LC recebeu a mamadeira com suco de frutas (estímulo altamente reforçador para ele).

LC, que sempre tomava a mamadeira, recusou-a inicialmente, enquanto estava próximo de B. A mãe deixou B de lado por uns instantes, e ficou apenas com LC no colo, esperando que ele tomasse a mamadeira. Ele recusou por mais algum tempo, mas, aos poucos, foi se acalmando.

Quando a mãe recolocou B a seu lado, LC passou a dar tapas em B, a agredi-la e a afastar a mão da sua mãe do corpo de B. Iniciou um choro que pode ser considerado típico de ciúme, uma vez que antes de iniciar o treinamento, todas as vezes em que observava um relacionamento mais afetivo dos pais, apresentava tal manifestação. Por exemplo, quando os seus pais se beijavam ou se davam as mãos na presença dele, LC chorava, ou virava o rosto, ou afastava os pais um do outro. Tal comportamento vinha se manifestando há aproximadamente dois meses.

No momento em que LC começou a chorar, a mãe tentou não reforçar tal comportamento. Assim que ele se acalmou um pouco, deu-lhe bastante atenção, colocou-o no colo, beijou-o e ficou de mãos dadas com ele. Nestas circunstâncias, LC permanecia mais tranqüilo, porém, de vez em quando, olhava para B e a agredia.

Aos poucos, a mãe foi aproximando B de LC, sempre dando atenção ao filho e acariciando-o. Deitou-se com LC de um lado e B próxima a ele. Depois de aproximadamente 30 minutos, a mãe retirou B da presença de LC e continuou a dar-lhe grande atenção, brincando com ele e acariciando-o.

Assim permaneceu por mais de uma hora, até que LC sentiu sono e foi dormir em seu próprio quarto.

Observações:

- a) Procurou-se associar à presença indesejável de B algum reforçador (a mamadeira) que havia se mostrado altamente eficiente para LC em circunstâncias anteriores.
- b) Procurou-se permanecer com LC não só durante todo o tempo em que B estava a seu lado, mas, principalmente, depois de seu afastamento para não permitir que a ausência de B se associasse à ausência da mãe.
- c) Inicialmente, a mãe pensou que não deveria permitir que LC agredisse B, a fim de não facilitar a generalização deste comportamento para o seu relacionamento posterior com o irmão.

posterior com o irmão. Mas, durante o treinamento, admitiu-se não só que seria impossível evitar agressão, como, talvez, que fosse necessário deixar LC saciar sua necessidade de agressão a B, e que, no final do treinamento, se pensaria em extinguir este comportamento, se ele ainda ocorresse.

2ª sessão

No 3º dia após o início do treinamento (que era domingo), a mãe começou o treino na parte da manhã, programando uma situação mais informal.

B, que já estava vestida, foi trazida naturalmente para perto de LC, quando este estava com o pai (figura altamente reforçadora para ele).

O pai pôs LC no colo, acariciou-o e fez festa quando viu B. LC pareceu ter aceito melhor a presença de B nesta do que na 1ª sessão. Depois de alguns instantes, jogou B no chão e procurou passar para o colo da mãe, que antes estava segurando B.

LC não monopolizava tanto a mãe, mas sutilmente, procurava afastar sua mão de B, levando-a para junto de si próprio. A mãe retirou B da presença de LC e continuou com este por mais algum tempo.

No mesmo dia, à tarde, a mãe recolocou B na presença de LC, desta vez na hora de uma refeição predileta (ovo e iogurte). B ficou junto dos brinquedos enquanto LC comia. A seguir, a mãe passou a brincar com ele e, de vez em quando, pegava B no colo. LC, já mais tranquilamente, procurava afastar B de sua mãe, embora sem choros e sem a agressão manifesta da 1ª vez. Quando ele se aproximava de B, a mãe o reforçava, sorrindo para ele.

Finalmente, a mãe retirou B e permaneceu com LC por mais algumas horas, sempre brincando com ele, beijando-o, rindo e fazendo-lhe cócegas.

3ª sessão

Esta sessão foi iniciada no 4º dia a partir do início, à noite, e durou poucos minutos.

Após o jantar, a mãe pôs LC e B no seu colo. O garoto recebeu sobremesa e tentou levá-la à boca de B, rindo deste seu comportamento. A mãe reforçou tal resposta, beijando o filho.

A seguir, a mãe começou a preparar o suco para LC. Quando este viu o que a mãe fazia, começou a rir (comportamento freqüente todas as vezes em que desejava a mamadeira). Momentos antes, LC havia derrubado B. A mãe, então, enquanto fazia o suco, pediu a LC que pegasse o nenê. Ele, rindo, entregou B à mãe e, logo depois, recebeu a mamadeira, permanecendo no colo de sua mãe.

Simultaneamente, a mãe acariciava LC e passava a mão na cabeça de B, sendo que tudo isto transcorria naturalmente. Tanto a mãe não valorizava demais a presença de B, quanto LC não se incomodava exageradamente com sua "rival".

Para finalizar, a mãe pegou B no colo e segurou LC pela mão, levando-os ao quarto. B foi posta em cima da cama e LC procurou espontaneamente algum brinquedo que estava próximo.

Uma vez que LC estava com bastante sono, não se interessou muito por nada e procurou se acomodar no sofá para dormir. A mãe levou-o para seu próprio quarto, trocou suas roupas e permaneceu com ele, abraçada bem junto de

seu corpo, até que dormisse, o que aconteceu minutos depois, sem que nenhuma resposta diferente ou inesperada ocorresse.

4ª sessão

Oito dias após o início do treinamento, foi realizada esta sessão de modo bastante informal. B foi mostrada a LC, que a colocou no colo, procurando depois fazer com que ela ficasse em pé, perto dele. Tentou enrolá-la em uma manta. Abraçou-a e brincou com ela cerca de 10 minutos. Às vezes, deixava-a de lado, pegava um brinquedo favorito (o minicíptero). Viu que a mãe pôs B perto de seu rosto, acariciando-a e não se incomodou.

Logo após, LC pôs B de lado e brincou com outros objetos calmamente. A mãe, alternadamente, pegava B ao colo e a deixava sobre a cama, e LC não revelou em nenhuma vez qualquer comportamento menos desejável.

Observação:

- a) A dúvida da mãe na ocasião era: estaria LC aceitando B ou simplesmente estaria deixando de ver nela uma "rival", por não ser de carne e osso e por não estar B sistematicamente presente em sua vida?
- b) Se, de fato, estivesse ocorrendo a aceitação, podia-se esperar que esta se generalizasse para com o novo irmão. Se a 2ª alternativa fosse a verdadeira, era possível que, quando nascesse o irmão, LC tentasse explodir sua agressão, ou ainda, que sua agressividade já estivesse relativamente atenuada ou saciada.
- c) Considerando tudo isto, uma situação admissível era a de que, na ocasião do nascimento do irmão, LC recebesse B de presente para conviver sistematicamente com ela e não ter tanta oportunidade de agredir a criança real.

5ª sessão

Havia 10 dias que o estudo se iniciara. Neste dia, durante a manhã, LC espontaneamente procurou B, que estava guardada dentro de um armário, e passou a brincar com ela por uns momentos, em atitudes carinhosas. Colocou-a depois junto a seus brinquedos, esquecendo-se, aparentemente dela.

No fim da tarde, pegou B novamente e, quando a babá pôs B no seu colo, LC reagiu chorando e jogando-se ao chão.

Como a mãe não estivesse presente, tal informação foi prestada pela babá e não inclui, por isso, outros detalhes.

6ª sessão

No 12º dia do estudo, à noite, LC tentou sozinho abrir o armário onde estava B e, não conseguindo, procurou sua mãe. Esta mostrou-lhe que B se encontrava em outro armário, cuja porta foi aberta para possibilitar que LC pegasse B.

LC pôs B no colo, acariciou-a, chamando-a "nenê, nenê, nenê" e agasalhou-a. A babá pediu B e LC preferiu dá-la para a mãe, não se incomodando que

esta beijasse e abraçasse B.

A seguir, deu B para a babá e, igualmente, não se preocupou com a atenção que esta dedicou a B. LC afastou-se depois, procurando outros brinquedos.

7ª sessão

Durante 17 dias não foi feito nada, até que, nesta sessão, foi dado o primeiro banho em B na banheira de LC. Este, inicialmente, queria que só ele lavasse B, não gostando quando sua mãe o fazia.

Após alguns minutos, não se incomodou mais com a presença de B, permitindo que sua mãe a retirasse e a enrolasse na toalha. LC pegou o sabão e começou a esfregá-lo em seu corpo, quando, então, sua mãe afastou-se, levando B consigo.

Observação:

a) Estavam previstas algumas outras sessões de treinamento. Entretanto, porque LC deixou de evidenciar maiores dificuldades para aceitar B, sua mãe interrompeu o treinamento e permitiu que ele tivesse acesso a B todas as vezes que quisesse e, então, brincasse com ela. Durante aproximadamente um mês, B esteve junto aos brinquedos de LC e este, de vez em quando, a pegava em seus braços, acariciava-a, dirigia-se meigamente a ela, abraçando-a e beijando-a. Às vezes, LC punha B no colo de sua mãe, tendo até chegado a oferecer-lhe sua própria mamadeira e esfregado sua escova de dentes na boca de B.

4 ACOMPANHAMENTO

Após o nascimento da sua irmãzinha (N), ocorrido 70 dias após o início do treinamento, os comportamentos de LC e os de sua mãe passaram a ser os seguintes:

A mãe de LC foi para o hospital às 23 horas, quando LC já dormia. Lá permaneceu dois dias, voltando para casa na manhã do terceiro.

A mãe não quis que levassem LC ao hospital, embora tivesse notícias de que ele indicava estar sentindo sua falta, procurando-a pela casa e chamando-a. A mãe achava que a vinda de LC para vê-la em um ambiente estranho, associado à presença de mais um elemento (N) também novo e somado à ausência da mãe de casa, por mais um tempo, poderia não ser bem aceito por LC.

Por estas razões, LC ficou em casa, tendo recebido constantes cuidados de sua babá e a atenção de seu pai, que procurou intensificar seu bom relacionamento com LC.

A mãe saiu do hospital e, ao chegar em casa, desceu do carro e foi sozinha encontrar LC dentro de casa, fazendo festa para ele, abraçando-o e beijando-o e só depois se dirigindo com ele para o carro.

Neste momento, de posse da filmadora, o pai conseguiu também atrair

LC que, bem agitado, fazia pose, dava risadas, parecendo estar se considerando a figura principal da cena.

Nestas condições, LC chegou perto do carro, viu pela primeira vez o nenê, manifestou alegria, quis ajudar a carregar o "Moisés" e, logo após, parou para acariciar o rosto de N, sempre fazendo pose para a filmagem e rindo despreocupadamente.

Uns minutos depois de estar em casa, puxou sua mãe pelo braço, pediu que ela abrisse a porta do quarto, subiu em sua cama e aproximou-se do nenê. Colocou a mão aberta sobre a cabeça de N e num tom de voz meigo disse "an, an...".

No decorrer da primeira semana da permanência de N em casa, não se observaram modificações no comportamento de LC. Ele continuou alegre, comendo e dormindo bem, e recebendo a atenção contínua de todos. Presenciava sua mãe cuidar do nenê, amamentá-lo, atendê-lo quando chorava, sem ter evidenciado nestas situações nenhum comportamento estranho.

Registrou-se apenas o seguinte:

Na segunda noite em que N estava em casa, LC, depois de ter dormido por uma hora, acordou aos prantos. Achando que ele pudesse estar evidenciando ciúmes, sua mãe procurou atendê-lo (o que ultimamente vinha sendo feito pela babá), colocando-o em seus braços. Ele, soluçando, se apertou ao pescoço da mãe, e assim ficou até adormecer.

Outra manifestação de LC era uma fisionomia preocupada, evidenciando mal estar, quando ouvia N chorar. Parecia angustiado, levantava o dedinho, apontando para o quarto da irmãzinha, e só se acalmava quando N parava de chorar.

Desde então, não foram feitos registros de comportamentos de LC e de N. Atualmente LC está com três anos e nove meses, e N com dois anos e três meses. Durante todo este tempo, o relacionamento de ambos foi excelente. LC protege muito N, e raramente se desentendem. Parece que LC realmente aceitou N como irmã e amiga.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas são as possíveis explicações para os comportamentos de LC, desde o nascimento de N até agora.

É imprudente considerar que o treinamento em si mesmo tenha sido o único fator responsável pelo relacionamento obtido entre LC e N.

É possível que a aceitação dos dois filhos pelos pais, a diferença de idade entre LC e N (apenas 18 meses), o tratamento dado pela babá, e, sobretudo, o clima familiar reinante em todos os momentos, sejam o que melhor explique esse êxito.

Todavia, o treinamento parece ter ajudado a mãe a atingir seus objetivos referentes à aceitação de N por LC.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. HALL, Calvin S. & LINDZEY, Gartner. **Teorias da personalidade**. São Paulo, Herder EDUSP, 1971.
2. SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1967.

Abstract

A program developed with an one year old child who was waiting for a sibling, as a preparation to accept the sibling's arrival. For this purpose, a doll was used and received all the mother's attention and was treated as a real baby in front of the child. This special care took place in a few training sessions with the objective of making the child accept the fact that he had to share his mother's affection, and later on, the presence of a real sibling at home. Seven training sessions were organized during a period of one month. Comments are given concerning the reaction of the child to the training and arrival of sibling, as well as effectiveness of the illustrated technique.